

O NASCIMENTO DE UM HERÓI: CLAUDE LÉVI-STRAUSS

O estruturalismo identificar-se-á rapidamente com um homem: Claude Lévi-Strauss. Num século em que a divisão do trabalho intelectual se limita a um saber cada vez mais fragmentado, ele foi tentado a apostar na realização do equilíbrio entre o sensível e o inteligível. Dividido entre a vontade de reconstruir as lógicas internas, subjacentes ao real, e uma sensibilidade poética que o liga fortemente ao mundo da natureza, Lévi-Strauss concebeu grandes sínteses intelectuais inspirado no modelo das partituras musicais.

Nascido em 1908, o seu meio familiar colocou-o sempre no âmago da criação artística. Descendente de um bisavô violonista, de pai e tios pintores, passa todas as suas horas de ócio, durante a adolescência, esquadrihando antiquários, e descobre, exultante, ele o cidadão, uma natureza exótica quando seus pais compram uma casa nas montanhas das Cévennes. Percorre os campos em longas caminhadas de dez a quinze horas. É essa dupla paixão, a arte e a natureza, que vai marcar esse homem de entre-dois-mundos, seu pensamento em ruptura, a ambição essencialmente estética de sua obra. Entretanto, recusa-se a ceder à sedução que sua sensibilidade lhe propicia e, sem renegá-la, aspira a contê-la mediante a construção de grandes sistemas lógicos. É aí que vamos reconhecer sua dedicação infinita ao seu programa estrutural inicial, além das flutuações dos modos.

Seu interesse pelo mundo da natureza soma-se, desde muito cedo, a uma abertura para o mundo social. Já no liceu engaja-se no combate socialista. Adquire ainda cedo um conhecimento profundo da obra de Marx graças a um jovem socialista belga, Arthur Wanters, convidado num verão para a casa de sua família e que o faz ler Marx aos 17 anos: "Marx fascinou-me de imediato (...). Não demorei muito a mergulhar na leitura de *O capital*". Mas foi so-

a mesma pergunta sobre engajamento respondeu: "Não, eu considero que a minha autoridade intelectual, na medida em que se me reconheça possuir alguma, repousa na soma de trabalho, nos escrúpulos de rigor e de exatidão".¹⁸ E compara a situação de Victor Hugo, que podia julgar-se capaz de dominar todos os problemas de sua época, à situação do intelectual no período atual, complexo e fragmentado demais, para que se possa pretender apenas um único referencial de um só compromisso. É a figura do filósofo que se apaga então como sujeito questionador, como sujeito da problematização do mundo em sua diversidade. Com ela, é Sartre que se distancia e deixa o campo livre para as ciências humanas classificatórias e freqüentemente deterministas.

18 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988. p. 219.

brevido nos preparatórios para o curso normal superior, no grupo de estudos socialistas, sob a influência de Georges Lefranc, que Lévi-Strauss deu uma base sólida ao seu engajamento. Multiplica as intervenções e declarações, a ponto de assumir importantes responsabilidades em 1928, quando foi eleito secretário-geral da Federação dos Estudantes Socialistas. Nesse final dos anos 20, é também o secretário de um deputado socialista, Georges Monnet; mas em 1930 deve abandonar essas pesadas responsabilidades a fim de preparar-se para o concurso de magistério superior em filosofia. Não se sente entusiasmado. Todos os seus professores, Léon Brunschvicg, Albert Rivaud, Jean Laporte, Louis Bréhier, deixam-no fundamentalmente insatisfeito: "Passei por tudo aquilo um pouco como um zumbi". Isso em nada ofuscou o brilho com que foi aprovado em 1931, obtendo o terceiro lugar no concurso para docente de filosofia.

O seu engajamento socialista logo muda subitamente: um pequeno acidente e uma carta esperada que não chega seriam o motivo. Enquanto foi pacifista, o traumatismo de 1940, da "drôle de guerre" ou da "estranha derrota", como lhe chamava Marc Bloch, prevalece sobre o engajamento político. Extrai daí a idéia de que é perigoso "encerrar as realidades políticas no quadro de idéias formais". Não se recuperará dessa decepção e não voltaremos a vê-lo num engajamento político qualquer, mesmo que, além de suas declarações, a sua posição de etnólogo tenha em si uma dimensão política. Mas essa mutação é importante, e, em vez de lançar seu olhar para o mundo vindouro, Lévi-Strauss volta-se, nostálgico, para o passado, mesmo correndo o risco de parecer anacrônico, deslocado no tempo à maneira de Dom Quixote, que foi a sua paixão desde os 10 anos.

A ATRAÇÃO DO LONGÍNQUO

Sua carreira de etnólogo começa, como nos conta em *Tristes Tropiques*, num domingo de outono de 1934, com um telefonema de Célestin Bouglé, diretor da Escola Normal Superior, que lhe propôs apresentar sua candidatura como professor de sociologia da Universidade de São Paulo. Célestin Bouglé

acreditava piamente que os subúrbios de São Paulo estavam começando a crescer e sugeriu a Lévi-Strauss dedicar-lhes os seus fins de semana. Parte, portanto, para o Brasil, não para buscar aí o exotismo — "Detesto as viagens e os exploradores"⁴ —, mas para abandonar a filosofia especulativa e converter-se definitivamente a uma jovem disciplina ainda muito marginal — a antropologia. Já havia nessa época um exemplo desse tipo de conversão, é o caso de Jacques Soustelle. Ele organiza uma exposição em Paris com o que conseguira reunir em dois anos e obtém recursos que lhe permitem montar uma expedição aos nambiquara. Seus trabalhos começam a ser notados num reduzido círculo de especialistas, especialmente por Robert Lowie e Alfred Métraux. Mas, tendo voltado em 1939 à França, Lévi-Strauss tem de partir de novo, dessa vez para o exílio, a fim de escapar à ocupação alemã. Recebe um convite da *New School for Social Research* de Nova York, no âmbito de um vasto plano de resgate dos homens de saber europeus, criada pela Fundação Rockefeller.

Cruza, pois, o Atlântico num navio pouco confiável, o Capitaine Paul Lemerie, tendo por companheiros aqueles que os policiais qualificavam de escória: André Breton, Victor Serge, Anna Seghers... Assim que pisou a terra americana e se apresentou à *New School*, fizeram Lévi-Strauss compreender que deveria mudar de nome; passaria daí em diante a chamar-se, enquanto permanecesse nos Estados Unidos, Claude L. Strauss, a fim de evitar toda a confusão com a marca de jeans: "É raríssimo passar-se um ano sem que eu receba, em geral da África, uma encomenda de jeans"⁵. À margem desses incômodos um tanto burlescos, Nova York torna-se o lugar decisivo da elaboração de uma antropologia estruturalista, graças a um encontro decisivo entre Lévi-Strauss e seu colega lingüista da *New School*, Roman Jakobson, exilado como ele, que dá aulas de fonologia estrutural em francês. Esse encontro vai ser particularmente fecundo, tanto no plano intelectual quanto no afetivo. Uma cumplicidade amistosa nasce desse momento e jamais será desmentida. Jakobson assiste aos cursos de Lévi-Strauss sobre o parentesco, e este acompanha os cursos de Jakobson sobre o som e o sentido: "Os seus cursos eram um deslumbramento".⁶ É da simbiose de suas investigações respectivas que vai nascer a antropologia estrutural. Aliás, é a conselho de Jakobson

4 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Tristes Tropiques*. [Paris: Plon], 1955, p. 3.

5 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 47.

6 *Ibid.*, p. 64.

1 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 15.

2 *Ibid.*, p. 19.

3 Cl. Lévi-Strauss, entrevista com J.-M. Benoist, *Le Monde*, 21 janv. 1979.

que Lévi-Strauss começa a redigir em 1943 a sua tese que se converterá em obra essencial: *Les structures élémentaires de la parenté*.

De volta à França em 1948, Lévi-Strauss assume algumas responsabilidades temporárias: professor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique, depois subdiretor do Musée de l'homme. É eleito, finalmente, graças ao apoio de Georges Dumézil, para a V Seção da École Pratique des Hautes Études, ocupando a cátedra de "Religiões dos povos não civilizados", denominação que ele modifica rapidamente, em consequência de discussões com ouvintes negros. "Não se podia dizer que pessoas que vinham debater comigo na Sorbonne eram não civilizadas!"⁷ A sua cátedra adota então o título de "Religiões dos povos sem escrita".

A AMBIÇÃO CIENTÍFICA

O estruturalismo em antropologia não nasceu, contudo, por geração espontânea do cérebro de um cientista. É a resultante de uma situação particular da antropologia nascente e, de um modo mais amplo, do avanço do conceito de ciência no domínio do estudo das sociedades. Nesse plano, e mesmo que Lévi-Strauss se distancie e inove, o estruturalismo inscreve-se na filiação positiva de Auguste Comte, do seu cientismo, e não do otimismo comteano que vê na história da humanidade um progresso da espécie por etapas até chegar à idade positiva; mas a idéia de que um conhecimento só se reveste de interesse se inspirar-se no modelo da ciência, ou de lograr transformar-se em ciência, em teoria, é uma idéia comteana bem-sucedida: "Nesse plano, há uma fuga diante da filosofia tradicional"⁸, característica no percurso de Lévi-Strauss. A outra vertente da influência comteana está associada à globalidade de sua ambição, ao seu "holismo":⁹ Encontramos em A. Comte a mesma condenação da psicologia que se verifica mais tarde em Lévi-Strauss. No campo da sociologia em gestação no começo do século 20, Durkheim é o herdeiro dessa ambição globalizante, limitando o seu objeto à ciência do homem. Embora Lévi-Strauss

7 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 81.

8 Francine Le Bret, entrevista com o autor.

9 Raymond Boudon, entrevista com o autor.

tenha partido para o Brasil, seduzido pela etnologia que se rebelava contra Durkheim na medida em que este último não era homem de pesquisas de campo, a sua cultura sociológica não pôde deixar de ser alimentada, nos anos 30, pelo durkheimismo. E pode-se dizer, portanto, como R. Boudon, que "do lado dos antropólogos, o holismo foi um pouco chupado na mamadeira"¹⁰.

Para Durkheim, assim como para A. Comte, a sociedade constitui um todo irreduzível à soma de suas partes. É nessa base que irá constituir-se a disciplina sociológica. O êxito crescente da noção de sistema, depois da noção de estrutura, encontra-se vinculado ao conjunto das mutações científicas das diversas disciplinas na virada do século, principalmente à sua capacidade para explicar a interdependência dos elementos constitutivos do seu objeto próprio. Essa mutação afetou tanto a sociologia quanto a linguística, a economia tanto quanto a biologia... Portanto, Lévi-Strauss não pode deixar de situar-se na filiação durkheimiana. Aliás, não retomou ele, em 1949, o desafio de F. Simiand de 1903 contra os historiadores? Entretanto, o encaminhamento de Lévi-Strauss é o inverso do adotado por Durkheim. No momento em que escreve *Les règles de la méthode*, Durkheim escolhe privilegiar os materiais dos historiadores, as fontes escritas, e desconfia das informações reunidas pelo etnógrafo. Estamos em plena era do positivismo histórico. Só tardiamente, por volta de 1912, Durkheim coloca os dois métodos, histórico e etnográfico, no mesmo plano, mudança acelerada pela fundação de *L'Année sociologique*. Em contrapartida, para Lévi-Strauss, que iniciou suas minuciosas pesquisas de campo no Brasil, a observação vem em primeiro lugar, anterior a toda construção lógica, a toda conceitualização. A etnologia é para ele, em primeiro lugar, uma etnografia: "A antropologia é, acima de tudo, uma ciência empírica... O estudo empírico condiciona o acesso à estrutura".¹¹ A observação não é, certamente, um fim em si - Lévi-Strauss bater-se-á também contra o empirismo -, mas um indispensável estágio inicial.

CONTRA O FUNCIONALISMO E O EMPIRISMO

O primeiro grande objeto de estudo de Lévi-Strauss, a proibição do incesto, é aliás a ocasião para que ele se distancie do que Durkheim havia dito em

10 Raymond Boudon, entrevista com o autor.

11 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Le Regard éloigné*. Paris: Plon, 1983, p. 145.

proibição do incesto a uma mentalidade já ultrapassada, a um medo do sangue menstrual, a crenças obsoletas e, portanto, a uma relação de heterogeneidade com a nossa modernidade, Lévi-Strauss, que não se satisfaz com uma delimitação do fenômeno a uma área geográfica e a uma era temporal, busca, pelo contrário, raízes atemporais, universais, que elucidam a permanência dessa interdição. Se Lévi-Strauss se situa na filiação de Auguste Comte, de Émile Durkheim e de Marcel Mauss, não se deve esquecer o papel importante que Marx desempenhou para ele. Já vimos que teve de Marx um conhecimento precoce e profundo, que alimentou na época o seu militatismo. Marx é apresentado como uma de suas "três amantes"¹³ com Freud e a geologia. Assimila dos ensinamentos de Marx que as realidades manifestas podem não ser as mais significativas e que compete ao investigador construir modelos a fim de ter acesso aos fundamentos do real e ultrapassar a aparência sensível: "Marx nos ensinou que as ciências sociais não se constroem no plano dos acontecimentos do mesmo modo que a física não se sustenta em dados da sensibilidade"¹⁴.

Fiel ao ensinamento de Marx, defende-se, numa estrita ortodoxia, de querer ocultar o papel determinante das infra-estruturas, embora seu intuito seja construir uma teoria das superestruturas: "Não pretendemos, de forma nenhuma, insinuar que transformações ideológicas engendram transformações sociais. A ordem inversa é a única verdadeira"¹⁵. É certo que, com o passar dos anos, a impregnação marxista, o diálogo subjacente com Engels, tudo isso desaparecerá... Mas, no ponto de partida, no Brasil, ele se apresenta sobretudo como marxista. A esse propósito, diz a Éribon que os brasileiros ficaram decepcionados por ver chegar um sociólogo não durkheimiano. Que outra coisa se poderia ser na época senão durkheimiano? "Eu apostava que ele era marxista. Estivera prestes a tornar-se o filósofo oficial da SFIO [Seção Francesa da Internacional Operária] (...). Manifestamente, passou-se alguma coisa no Brasil que fez com que ele mudasse muito; deve ter sido o contato com o campo, mas não unicamente isso."¹⁶

12 DURKHEIM, É. La prohibition de l'inceste. *L'Année sociologique*, v. I, 1898.

13 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Tristes Tropiques*. [Paris: Plon], 1955. p. 44.

14 Ibid., p. 49.

15 LÉVI-STRAUSS, Cl. *La Pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962. p. 155.

16 Philippe Descola, entrevista com o autor.

Em confronto com o território da antropologia, Lévi-Strauss recusa os dois caminhos que se lhe oferecem como as únicas possibilidades de pesquisa nesse domínio: o evolucionismo, ou o difusionismo, e o funcionalismo. Admitira, sem dúvida, a qualidade do trabalho de campo de Malinowski, seus estudos sobre a vida sexual na Melanésia ou sobre os argonautas, mas denuncia neles o culto do empirismo e seu funcionalismo: "A idéia de que a observação empírica de uma sociedade qualquer permite atingir motivações universais aparece nela [na obra de Malinowski], constantemente, como um elemento de corrupção que corrói e diminui o alcance de notações, das quais se conhece, aliás, a vivacidade e a riqueza"¹⁷. O funcionalismo de Malinowski, no entender de Lévi-Strauss, cai na armadilha da descontinuidade, da singularidade. Ao confundir estruturas sociais e relações sociais visíveis, essa análise mantém-se à superfície das coisas e passa, portanto, à margem da essencialidade dos fenômenos sociais. Assim, a respeito da proibição do incesto, Malinowski não ultrapassa as considerações de ordem biológica sobre a incompatibilidade dos sentimentos parentais e das relações amorosas. Um pouco mais próximo de uma abordagem estrutural, Radcliffe-Brown já utilizara o conceito de estrutura social a propósito do estudo dos sistemas de parentesco australianos. Procurou classificar de maneira sistemática, especificar cada sistema e, depois, oferecer generalizações válidas para o conjunto das sociedades humanas: "A análise procura reduzir a diversidade (de 200 a 300 sistemas de parentesco) a uma ordem, qualquer que possa ser"¹⁸. Mas Lévi-Strauss considera que a metodologia de Radcliffe-Brown continuou sendo excessivamente descritiva e empirista e que compartilha em definitivo com Malinowski uma interpretação funcionalista que não vai além da superfície dos sistemas sociais.

Ao abandonar a corrente do empirismo anglo-saxônico, Lévi-Strauss vai encontrar seus mestres em antropologia nos herdeiros da escola histórica alemã que se desviaram da história, defensores que são do relativismo cultural: Lowie, Kroeber e Boas, "autores frente aos quais sinto necessidade de proclamar-me em dívida"¹⁹. Ele vê em R. H. Lowie o iniciador, aquele que, a partir de 1915, abria o caminho promissor do estudo dos sistemas de parentesco:

17 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 19.

18 RADCLIFFE-BROWN, A. R. The Study of Kinship Systems. *Journal of the Royal Anthropology Institute*, p. 17, 1941.

19 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Tristes Tropiques*. [Paris: Plon], 1955. p. 52.

rigorosa de acordo com o modo de classificação dos pais e demais parentes".²⁰ Quanto a Franz Boas, Lévi-Strauss procurou imediatamente encontrar-se com ele após sua chegada a Nova York. Boas dominava então a antropologia americana, e seu campo de curiosidades e investigações não conhecia limites. Lévi-Strauss assistiu até ao falecimento do grande mestre, no decorrer de um almoço organizado por Boas em homenagem a Rivet, que visitava a faculdade de Columbia: "Boas estava muito alegre. No meio da conversa, empurrou violentamente a mesa e caiu para trás. Eu estava sentado a seu lado e precipitei-me para ergué-lo... Boas estava morto".²¹ A mais importante contribuição de Boas e sua influência sobre Lévi-Strauss terão sido a ênfase que deu à natureza inconsciente dos fenômenos culturais e a colocação das leis da linguagem no centro da inteligibilidade dessa estrutura inconsciente. O impulso lingüístico estava dado, oriundo do campo da antropologia, a partir de 1911, e iria favorecer a fecundidade do encontro entre Lévi-Strauss e Jakobson.

A IMPORTAÇÃO DO MODELO LINGÜÍSTICO

É nesse ponto preciso que Lévi-Strauss inova *stricto sensu*, ao transpor para a antropologia o modelo lingüístico, quando até então, na França, a antropologia estava ligada às ciências da natureza, sendo dominante a antropologia física ao longo de todo o século 19. Esses modelos das ciências da natureza estão, além disso, ao seu alcance imediato, visto que, tendo regressado à França em 1948, Lévi-Strauss é nomeado subdiretor do Musée de l'Homme. Entretanto, ele não adota esse enfoque, e vai buscar nas ciências humanas, mais precisamente na lingüística, um modelo de cientificidade. Por que esse desvio criador? "Eu tenho uma resposta para isso, que me proponho apresentar-lhe. A antropologia biológica, física, comprometeu-se tanto com os racimos de todas as espécies, que era difícil recorrer a essa disciplina e basear nela esse sonho de uma ciência geral, de uma antropologia geral que integrasse tanto o físico quanto o cultural. Houve uma liquidação histórica da antropo-

20 LOWIE, R. H. Exogamy and the Classificatory Systems of Relationship. *American Anthropologist*, v. 17.

21 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 58.

logia física, o que provocou a economia de um debate teórico. Claude Lévi-Strauss chegou e o lugar foi limpo pela história."²² A ruptura realizada por Lévi-Strauss é ainda mais espetacular; visto que a filiação naturalista e biologista da antropologia francesa era amplamente dominante; essa disciplina designava a pesquisa das bases naturais do homem e se fundamentava, portanto, num determinismo essencialmente biológico. A esse respeito, a guerra deixou o terreno limpo, e Lévi-Strauss pôde então, sem risco ideológico, reapossar-se do termo antropologia, elevando a antropologia francesa ao nível do campo semântico da antropologia anglo-saxônica, alicerçando-a numa disciplina-piloto: a lingüística.²³

22 Jean Jamin, entrevista com o autor.

23 LÉVI-STRAUSS, Cl. *L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie*. *Word*, v. 1, n. 2, p. 1-21, 1945, reimpresso em *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958; LÉVI-STRAUSS, Cl. *Linguistique et anthropologie. Supplement to International Journal of American Linguistics*, v. 19, n. 2, avril 1953, reimpresso em *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958.

NA SUTURA NATUREZA/CULTURA: O INCESTO

De regresso à França, em 1948, Claude Lévi-Strauss defende, portanto, a sua tese, *Les structures élémentaires de la parenté*, e apresenta a sua tese complementar, *La vie familiale et sociale des Nambikwara* [A vida familiar e social dos índios Nambiquara], perante uma banca examinadora composta por Georges Davy, Marcel Griaule, Émile Benveniste, Albert Bayet e Jean Escarra. A publicação da tese em livro no ano seguinte¹ é um dos mais importantes acontecimentos da história intelectual do pós-guerra e a pedra angular nas fundações do programa estruturalista. Quarenta anos depois, esse evento continua sendo percebido pelos antropólogos como um momento culminante de criação e inovação: “O que me parece mais importante, fundamental, são *Les structures élémentaires de la parenté*, pelo empenho científico aí introduzido na análise da progressão social, buscando um modelo mais abrangente para explicar fenômenos que, à primeira vista, não parecem depender das mesmas categorias de análise, e pela passagem de uma problemática da filiação a uma problemática da aliança”².

Se a escola antropológica francesa conhece uma verdadeira revolução epistemológica com a publicação da tese de Lévi-Strauss, outras áreas do conhecimento, é claro, os filósofos também ficarão assombrados. Foi o que aconteceu na época com um jovem professor de filosofia, Olivier Revault d'Allonnes: “É um momento importante, decisivo. Eu acabara de ser nomeado para um liceu de Lille, após minha aprovação no concurso para professor de filoso-

1 LÉVI-STRAUSS, Cl. *La Vie familiale et sociale des Indiens Nambikwara*. Paris: Société des Américanistes, 1948; *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: PUF, 1949.

2 Marc Augé, entrevista com o autor.

na em 1948, e isso foi um vislumbre fundamental. Eu via, à época, em *Les structures élémentaires de la parenté*, uma confirmação de Marx³. O impacto ultrapassa o pequeno círculo da antropologia, além de instalar-se duradouramente. Cerca de dez anos após a sua publicação, um jovem normalista descobre também com assombro *Les structures élémentaires de la parenté* quando ingressa na ENS, em 1957: Emmanuel Terray. Filósofo, ele sente, já tentado pela antropologia, necessidade de deixar a França em plena guerra colonial que reprova e contra a qual se engaja. Seu amigo, Alain Badiou, empresta-lhe então *Les structures élémentaires de la parenté*, porque era difícil adquirir o livro: "Alain emprestou-me esse livro do qual recopiei uma centena de páginas que ainda conservo. E, quando terminei de reproduzir essas cem páginas, considerando o esforço que isso representava, Alain não pôde deixar de me dar o seu exemplar. Eis como obtive a primeira edição. Para mim, na época, e ainda creio nisso, representou um avanço comparável, no seu domínio, a *O capital*, de Marx, ou à *Interpretação de sonhos*, de Freud"⁴. Aqui, também, é a capacidade de sistematizar um domínio aparentemente entregue à incoerência total, ao empírico, o que seduz o nosso jovem filósofo, e esse fascínio vai confirmar para ele uma escolha de carreira e de existência: a antropologia.

A INVARIANTE UNIVERSAL

Na busca de invariantes que possam explicar universais nas práticas sociais, Lévi-Strauss encontra a proibição do incesto, comportamento inalterável apesar da diversidade das sociedades humanas. Realiza um deslocamento fundamental em relação à abordagem tradicional, na medida em que se tinha o hábito de pensar o fenômeno em termos de interdições morais e não no plano de sua positividade social. Era essa a concepção de Lewis-Henry Morgan, para quem a proibição do incesto era uma proteção da espécie contra os efeitos funestos dos casamentos consanguíneos. Para Edward Westermarck, ela se explica pelo enfraquecimento do desejo sexual resultante dos hábitos cotidianos, tese derrotada pela teoria freudiana do Édipo. A revolução lévi-straussiana consiste em desbiologizar o fenômeno, em retirá-lo tanto do esquema simples da consanguinidade

3 Olivier Revault d'Allonnes, entrevista com o autor.

4 Emmanuel Terray, entrevista com o autor.

quanto de considerações morais etnocêntricas. A hipótese estruturalista procede aí a um deslocamento do objeto para restituir-lhe plenamente o seu caráter de transação, de comunicação que se instaura com a aliança matrimonial. Situa as relações de parentesco como base primeira da reprodução social.

Para não se perder no labirinto das múltiplas práticas matrimoniais, Lévi-Strauss opera uma redução no sentido matemático do termo, considerando um número limitado de possíveis que ele define como as estruturas elementares de parentesco: "Entendemos por estruturas elementares de parentesco (...) os sistemas que prescrevem o casamento com um certo tipo de parentes ou, se se preferir, os sistemas que, embora definindo todos os membros do grupo como parentes, distinguem-nos em duas categorias: cônjuges possíveis e cônjuges proibidos"⁵. As estruturas elementares permitem, a partir de uma nomenclatura, determinar o círculo dos parentes e o dos aliados. Assim, nesse tipo de estrutura, são proscritos os casamentos com irmãos, irmãs e primos paralelos [primos derivados de coirmãos do mesmo sexo], e prescritos os casamentos com primos cruzados [primos derivados de coirmãos de sexos opostos] e, por vezes, mais precisamente, primos cruzados matrilineares. As sociedades dividem-se, portanto, em dois grupos: o dos cônjuges possíveis e o dos cônjuges proibidos. Reencontra-se esse sistema nos australianos que Lévi-Strauss estuda: o sistema *kariaera* ou o sistema *aranda*. No *kariaera*, a tribo está dividida em dois grupos locais, os quais se subdividem, por sua vez, em duas seções, e a pertença aos grupos locais transmite-se em linha patrilinear, mas o filho pertence à outra seção. Temos, portanto, em primeiro lugar, uma alternância das gerações e um sistema de aliança que se forma com a prima bilateral cruzada (a prima é bilateral porque é, ao mesmo tempo, filha da irmã do pai e filha do irmão da mãe de Ego). O sistema *aranda* é semelhante, mas possui classes matrimoniais. Trata-se, neste caso, de alianças simétricas que Lévi-Strauss reagrupa sob a forma de trocas restritas que se opõem a sistemas, também elementares, mas com um número indefinido de grupos, com alianças unilaterais; neste caso, temos trocas generalizadas: "Desde que um sistema de aliança bilateral pode funcionar com duas linhagens, são necessárias pelo menos três para permitir um sistema de aliança unilateral: se A toma suas esposas em B, é necessário que ele dê suas mulheres a uma terceira linhagem C, a

5 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton, 1967 (1949). Prefácio da primeira edição, p. IX.

ses sistemas elementares de parentesco que procuram manter a aliança no quadro do parentesco, outras estruturas, semicomplexas como os sistemas *crow-omaha*, procuram tornar incompatíveis os vínculos de aliança e os de parentesco. Nesse caso, é proibido que alguém se case num clã que já tenha dado no decurso de um certo número de gerações, um outro cõnjuge ao seu clã.

Portanto, Lévi-Strauss sai de uma análise em termos de filiação, de consanguinidade, para mostrar que a união dos sexos é o objeto de uma transação cuja responsabilidade é assumida pela sociedade; trata-se, pois, de um fato social, cultural. A proibição não é mais vista como fato puramente negativo, mas, pelo contrário, como positivo, criador do social. O sistema de parentesco, é analisado como dependente de um sistema arbitrário de representação, à maneira da arbitrariedade do signo saussuriano.

Lévi-Strauss realiza nesse ponto um importante deslocamento, ao romper com o naturalismo que cercava a noção de proibição do incesto e ao fazer desta a pedra de toque da passagem da natureza para a cultura. O social nasce dessa organização da troca em torno da proibição do incesto, que se reveste, por conseguinte, de importância capital: "A proibição do incesto exprime a passagem do fato natural da consanguinidade para o fato cultural da aliança".⁷ É a intervenção decisiva no nascimento da ordem social. Por sua situação mediana e fundadora, não pode ser unicamente referida no nível da ordem natural, cujo caráter universal, espontâneo, ela possui, nem apenas no nível cultural caracterizado por uma norma, leis particulares, um caráter restritivo. A proibição do incesto pertence, pois, aos dois domínios simultaneamente, colocada na sutura da natureza e da cultura. Constitui a indispensável regra arbitrária estabelecida pelo homem em substituição à ordem natural. Na proibição do incesto existem, ao mesmo tempo, regras particulares, um código normativo (a cultura) e um caráter universal (a natureza): "A proibição do incesto situa-se, simultaneamente, no limiar da cultura, na cultura e, num sentido, é a própria cultura".⁸ As estruturas elementares que resultam dessa proibição não devem ser consideradas

6 SPERBER, D. *Le structuralisme en anthropologie*. Paris: Seuil, 1968. p. 26. (Qu'est-ce que le structuralisme?)

7 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton, 1967 (1949). p. 36.

8 *Ibid.*, 1967, p. 14.

fatos da natureza, perceptíveis e reconstituíveis a partir de uma observação; elas dependem de "uma grade de decifração ou, em termos kantianos, de um esquema, no qual não é necessário que estejam presentes todos os termos ou todos os aspectos para que funcione de modo eficiente".⁹ Lévi-Strauss realiza com esse esboço exemplar a emancipação da antropologia das ciências da natureza, colocando-a de imediato no terreno exclusivo da cultura.

O ENCONTRO COM JAKOBSON

O modelo que permitirá a Lévi-Strauss operar esse deslocamento é a linguística estrutural. A esse respeito, o nascimento e os desenvolvimentos da fonologia vão abalar o campo do pensamento nas ciências sociais. Semelhante transformação afigurou-se, aos olhos de Lévi-Strauss, como algo análogo a uma verdadeira revolução copernicana-galileana: "A fonologia não pode deixar de desempenhar, perante as ciências sociais, o mesmo papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas".¹⁰ Os êxitos crescentes do método fonológico traduzem a existência de um sistema eficaz do qual a antropologia pode extrair lições essenciais para aplicá-las ao campo complexo do social. Lévi-Strauss vai, portanto, retomar por conta própria, quase termo a termo, os paradigmas básicos desse sistema. A fonologia tem por objetivo ultrapassar o estágio dos fenômenos lingüísticos conscientes, não se contenta em considerar os termos em sua especialidade, mas busca apreendê-los em suas relações internas; introduz a noção de *sistema* e visa à construção de *leis gerais*. Toda a abordagem estruturalista se insere nessa ambição.

Essa contribuição lhe é fornecida, evidentemente, pelas conversas que teve com Roman Jakobson em Nova York: "Eu era na época uma espécie de estruturalista simplista. Fazia estruturalismo sem o saber. Jakobson revelou-me a existência de um corpo de doutrina já constituído numa disciplina: a linguística, que eu jamais praticara. Para mim, foi uma revelação".¹¹ Lévi-Strauss não se limita, porém, a acrescentar um continente novo do saber, justaposto ao seu; incorpora-o no seu método, subvertendo assim a perspectiva global: "Tal como os fonemas, os

9 BENOIST, J.-M. *La Révolution structurale*. Paris: Denoël, 1980. p. 112.

10 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 39.

11 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988. p. 63.

termos de parentesco são elementos de significação; como eles, só adquirem essa significação sob a condição de se integrarem em sistemas".¹² Lévi-Strauss, que assiste em Nova York aos cursos de Jakobson, os prefaciárá em 1976.¹³

As duas grandes lições que ele conserva para a antropologia são, por um lado, a investigação de invariantes para além da multidão de variedades identificadas e, por outro lado, o afastamento de todo e qualquer recurso à consciência do sujeito falante, logo, a preponderância dos fenómenos inconscientes da estrutura. Essas duas orientações são tão válidas, segundo Lévi-Strauss, para a fonética quanto para a antropologia. As duas disciplinas nem por isso deixam de atender à realidade concreta, em proveito de um formalismo sistemático, e Lévi-Strauss invoca, nesse domínio, a postura do fonólogo russo Nicolai Troubetzkoy: "A fonologia atual não se limita a declarar que os fonemas são sempre membros de um sistema; ela mostra sistemas fonológicos concretos e coloca em evidência a sua estrutura".¹⁴ A antropologia estruturalista deve, portanto, acompanhar o linguísta nesse caminho traçado pela linguística estrutural, que renunciou à explicação maciça da evolução linguística para dedicar-se a localizar e identificar os elementos diferenciais entre as línguas. Essa decomposição do material complexo da língua num limitado número de fonemas deve servir à antropologia em sua abordagem dos sistemas em vigor nas sociedades primitivas; deve igualmente desconstruir, reduzir o real observável, na medida em que se dedica a seguir um número também limitado de variáveis. É o que ocorre com os sistemas matrimoniais que vão organizar-se em torno da relação entre a regra de filiação e a de residência, relação tão arbitrária quanto o signo saussuriano. Ao inspirar-se em Jakobson, Lévi-Strauss assimila o corte saussuriano.

Se retoma, por exemplo, a famosa distinção de Saussure entre significante e significado, adapta-a ao terreno antropológico ao atribuir ao significante o lugar da estrutura e ao significado o do sentido, ao passo que em Saussure trata-se, antes, de opor som e conceito. Mas se nesse plano existe transformação do modelo, no que tange às relações entre sincronia e diacronia,

12 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 40-41.

13 JAKOBSON, R. *Six leçons sur le son et le sens*. Paris: Minuit, 1976. Prefácio de Cl. Lévi-Strauss, reimpresso em: *Les leçons de la linguistique*. In: LÉVI-STRAUSS, Cl. *Le Regard éloigné*. Paris: Plon, 1983.

14 TROUBETZKOY, N. *La phonologie actuelle*. In: *Psychologie du langage*. [S.l.: s.n.], 1983. p. 243, apud LÉVI-STRAUSS, Cl. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 40.

Lévi-Strauss reassume totalmente a preponderância da sincronia própria da linguística saussuriana, e esse recurso contém em si mesmo as futuras polémicas contra a história. Em consequência da adoção do modelo fonológico, "Claude Lévi-Strauss inicia a crítica da eficácia da abordagem histórica ou da consciência na explicação científica dos fenómenos sociais".¹⁵

Lévi-Strauss une-se, pois, à escola dos linguístas, fascinado pelo êxito do modelo deles: "Gostaríamos de apreender dos linguístas o segredo do seu sucesso. Não poderíamos, nós também, aplicar ao campo complexo de nossos estudos (...) esses métodos rigorosos dos quais a linguística verifica diariamente a eficácia?"¹⁶ Mas seria desconhecer Lévi-Strauss pensar numa simples renúncia do antropólogo ao encontrar no linguísta seu mestre. Pelo contrário, essa contribuição do linguísta inscreve-se numa perspectiva abrangente que integra a própria linguística num projeto mais geral, cujo mestre-de-obras seria o antropólogo. A interpretação do social seria, dessa forma, o resultado de uma "teoria da comunicação"¹⁷ em três estágios: a comunicação das mulheres entre os grupos graças às regras de parentesco; a comunicação de bens e serviços graças às regras econômicas; e a comunicação de mensagens graças às regras linguísticas. Dado que esses três níveis se incorporam num projeto antropológico global, a analogia entre os dois métodos é constante em Lévi-Strauss: "O sistema de parentesco é uma linguagem";¹⁸ "Postulamos, portanto, a existência de uma correspondência formal entre a estrutura da língua e a do sistema de parentesco".¹⁹ A linguística foi, assim, elevada por Lévi-Strauss à categoria de ciência-piloto, de modelo primordial. Ela deve permitir à antropologia basear-se no cultural, no social, desligar-se completamente do seu passado de antropologia física. Graças a Jakobson, Lévi-Strauss percebe desde muito cedo esse papel estratégico, portanto, não se pode concordar com Jean Pouillon, quando este reduz a contribuição da linguística em Lévi-Strauss ao simples fato de pensar que "o sentido é sempre um sentido de posição".²⁰ A partir de *Les structura-*

15 SIMONIS, Y. *Lévi-Strauss ou la passion de l'inceste*. Paris: Champs-Flammarion, 1980 (1968), p. 19.

16 LÉVI-STRAUSS, Cl. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 79.

17 *Ibid.*, p. 95.

18 *Ibid.*, 1958 (1945). p. 58.

19 *Ibid.*, 1958 (1951). p. 71.

20 Jean Pouillon, entrevista com o autor.

formalizada por definição, as matemáticas. Lévi-Strauss requer os serviços das matemáticas estruturais do grupo Bourbaki, graças a um encontro com o irmão de Simone Weil, André Weil, que escreve o apêndice matemático do livro. Lévi-Strauss encontrou nessa transcrição matemática de suas descobertas o prolongamento de um deslocamento análogo ao operado por Jakobson: da atenção aos termos das relações para a preponderância acordada às próprias relações entre esses termos, independentemente do seu conteúdo.

Essa dupla fecundidade, essa dupla contribuição de rigor, de cientificidade, no ventre macio de uma ciência social ainda balbuciante e não implantada, só podia fazer nascer o sonho de se ter, enfim, alcançado o derradeiro estágio de cientificidade, em pé de igualdade com as ciências exatas. "Tem-se a impressão de que as ciências humanas vão tornar-se ciências completas, como a física de Newton. Isso existe em Claude Lévi-Strauss. (...) O cientismo torna-se digno de crédito porque a lingüística se apresenta como algo científico, no sentido das ciências da natureza. (...), e essa, fundamentalmente, a chave do êxito."²¹ Caminho fecundo, por certo, mas chave também para devaneios e miragens que vão pairar, durante uma vintena de anos, sobre a comunidade científica, no domínio das ciências humanas.

UM ACONTECIMENTO MARCANTE

O acolhimento dispensado à publicação de *Les structures élémentaires de la parenté* teve repercussões imediatas, pois é Simone de Beauvoir quem assina um comentário sumamente elogioso em *Les Temps modernes*, cujo público formado em sua grande maioria por intelectuais *lato sensu* permite dar ao livro um eco instantâneo, bem mais amplo do que o do restrito círculo de antropólogos, sem que isso signifique, no entanto, que se chegasse ao ponto de ler a volumosa tese. Jean Pouillon está nesse caso, pois só começa a ler Lévi-Strauss a partir de *Tristes Tropiques*. O acaso provocou, portanto, esse paradoxo: a primeira resenha dessa obra estrutural-estruturalista foi publicada justamente no próprio órgão de expressão do existencialismo sartreano, *Les Temps modernes*!

21 Raymond Boudon, entrevista com o autor.

Simone de Beauvoir, que era da mesma idade de Lévi-Strauss e o conheceu superficialmente antes da guerra, por ocasião do seu período de professora estagiária, estava prestes a terminar *Le deuxième sexe* [O segundo sexo].

Ela toma conhecimento por Michel Leiris de que Lévi-Strauss iria publicar sua tese sobre os sistemas de parentesco. Interessada no ponto de vista antropológico sobre a questão, Simone de Beauvoir pede a Leiris que interceda em seu favor junto a Lévi-Strauss, que lhe remete as provas do livro antes que ela termine sua própria obra. "Para agradecer o gesto de Claude Lévi-Strauss, ela escreve um extenso comentário para *Les Temps modernes*."²² Esse artigo é particularmente positivo quanto ao valor das teses de Lévi-Strauss: "Eis que a sociologia francesa estava mergulhada no sono há muito tempo."²³ Simone de Beauvoir adere ao método e às suas conclusões, convida à leitura mas, ao mesmo tempo, integra a obra no grupo sartreano ao dar-lhe um alcance existencialista, o qual resulta manifestamente do mal-entendido ou da distorção. Constatando que Lévi-Strauss não diz de onde provém as estruturas cuja lógica descreve, ela fornece a sua resposta, sartreana: "Lévi-Strauss absteve-se de se aventurar no terreno filosófico, jamais se afastando de uma rigorosa objetividade científica; mas o seu pensamento inscreve-se, evidentemente, na grande corrente humanista que considera que a existência humana contém em si a sua própria razão."²⁴

Também em *Les Temps modernes*, que vai decididamente contribuir muito para tornar conhecida a obra de Lévi-Strauss, Claude Lefort interveém, dessa vez de maneira crítica, no início do ano de 1951. Censura Lévi-Strauss por colocar o sentido da experiência fora da própria experiência e fazer prevalecer o modelo matemático apresentado como mais real que a realidade: "O que se criticaria ao Sr. Lévi-Strauss é o fato de apreender na sociedade mais as regras do que os comportamentos."²⁵ Jean Pouillon responderá mais tarde às críticas de Lefort quando, em 1956, determina a posição ocupada pela obra de Lévi-Strauss. Considera infundado o ponto de vista de Lefort na medida em que Lévi-Strauss evita simultaneamente confundir a realidade e sua expressão matemática, sem tampouco separá-las a fim de fazer prevalecer a segunda.

22 Jean Pouillon, entrevista com o autor.

23 S. de Beauvoir, *Les Temps modernes*, p. 943, nov. 1949.

24 *Ibid.*, p. 949.

25 LEFORT, Cl. L'échange et la lutte des hommes. *Les Temps modernes*, févr. 1951.

Não há, portanto, ontologização do modelo, visto que “essa expressão matemática do real jamais é confundida com o real”.²⁶ É nessa adesão global ao método que ficaremos, em meados dos anos 50, aguardando as críticas tanto anglo-saxônicas quanto francesas, a partir do momento em que o paradigma estruturalista for fragilizado, sobretudo em consequência de maio de 1968.

PEÇAM O PROGRAMA: MAUSS

Se Lévi-Strauss se dedica em *Les structures élémentaires de la parenté* ao estudo de um tema específico, o parentesco, próprio da antropologia, o *status* de sua “Introduction à l’oeuvre de Marcel Mauss” (1950) é diferente. Não se limita a uma simples apresentação da obra de um dos mestres, durkheimiano, da antropologia francesa, mas aproveita a ocasião para definir o seu próprio programa, estruturalista, que é a exposição de uma rigorosa metodologia. Curiosamente, portanto, o que de início parece ser um modesto e ritual prefácio acabou fazendo época e constituiu a primeira definição de um programa unitário proposto ao conjunto das ciências do homem desde a tentativa dos ideólogos do começo do século 19 que tinham definido, com Destutt de Tracy, uma vasta ciência das idéias que permanecera apenas tolerada. Outro motivo de espanto é o sociólogo Georges Gurvitch, mais tarde muito hostil às teses de Lévi-Strauss, que pede a este último que redija essa “Introduction” para uma coleção que ele tinha fundado nas Presses Universitaires de France [PUF].

Georges Gurvitch, aliás, percebeu logo a distância que o separava de Lévi-Strauss, e acrescentou um pós-escrito para exprimir suas reservas, qualificando a interpretação de Lévi-Strauss de leitura muito particular da obra de Marcel Mauss: “Foi aí que as coisas começaram a se estragar”.¹ Algirdas-Julien Greimas não se engana sobre a importância desse texto. Encontra-se então em Alexandria e, ávido de alimento intelectual, descobre a “Introduction à l’oeuvre de Marcel Mauss”. Essa leitura, juntamente com outras, vai encorajá-lo em seu projeto de construção de uma metodologia globalizante para as ciências do

26 POUILLON, J. L’oeuvre de Claude Lévi-Strauss. *Les Temps modernes*, n. 226, juil. 1956; reimpresso em: *Fétiches sans fétichisme*. Paris: Maspero, 1975, p. 310.

1 LÉVI-STRAUSS, Cl. *De près et de loin*. Paris: Odile Jacob, 1988, p. 103.